

## Entrevista de Marie Jaisson

por Miguel Montagner

1º de setembro de 2010



Professora de sociologia  
UFR SMBH, Université Paris 13  
Laboratório IRIS  
(UMR 8156-997 Université  
Paris 13/CNRS/Inserm/EHESS)

74, rue Marcel Cachin 93017  
Bobigny cedex - France  
marie.jaisson@univ-paris13.fr  
marie.jaisson@ens.fr  
marie-jaisson.blogspot.com/

Tradução Miguel Ângelo Montagner

**Miguel Montagner (MM):** *Bom dia. É um enorme prazer entrevistá-la para este dossiê especial da revista. Durante meu estágio em Paris, no Centro Maurice Halbwachs (CMH) ligado a Escola Normal Superior de Paris - Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais - Centro Nacional de Pesquisa Científica (ENS-EHESS-CNRS), nos anos 2005-2006, quando a senhora foi minha orientadora, nossas discussões giraram em torno da teoria de Pierre Bourdieu, da sociologia da medicina e da saúde e, de forma geral, do espaço sociológico francês.*

*Gostaria aqui de delinear a sua obra para o público brasileiro. A senhora também trabalhou e trabalha com Éric Brian, historiador da ciência e sociólogo da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, que gostaria também de apresentar. O seu currículo é rico em experiências e pesquisas, que indicam que a senhora foi formada, notadamente, por Pierre Bourdieu. A senhora poderia comentar sobre sua formação e as razões que a levaram a trabalhar na área da medicina e da saúde?*

**Marie Jaisson (MJ):** *Eu recebi, nos anos 1980, uma formação artesanal e não universitária em sociologia, na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), em Paris. Esta instituição tem uma vocação*

histórica em formar pesquisadores. Trata-se de um aprendizado pela e para a prática (atualmente as reformas que se abatem sobre as instituições de ensino superior francesas acarretam como consequência desviar a EHESS desta sua vocação principal). Este caminho privilegia o tirocínio e a expertise contra a postura de autoridade acadêmica, e favorece uma abordagem intuitiva e fina do trabalho intelectual.

Eu comecei assim pela formação trienal no escopo do Diploma que alia trabalho de pesquisa e formação no ofício, por meio da participação assídua nos seminários de pesquisa e nas aulas (a obtenção do Diploma oferece atualmente a equivalência com o primeiro ano do mestrado, à época ele autorizava a inscrição no DEA<sup>1</sup> que era já o primeiro ano da tese de doutorado). Eu obtive este diploma sob orientação de Luc Boltanski, ele mesmo formado por Pierre Bourdieu que acabara de ser eleito ao Collège de France e encaminhava seus novos alunos para seu jovem colega. Meu diploma relacionava-se à sociologia e à história política e social do reconhecimento das doenças e riscos do trabalho na França, a partir de um inquérito sobre um caso de reconhecimento de uma doença profissional do setor hospitalar.

MM: *Que objetos lhe interessaram? Como a senhora construiu seus conhecimentos*

<sup>1</sup> DEA. *Diplôme d'études approfondies* (Diploma de estudos aprofundados) era uma especificidade francesa, o segundo ano da chamada *maîtrise*, modificada em 2004 no espírito do acordo de Bologna. Correspondia ao primeiro ano de uma tese de doutorado, com uma diplomação idiossincrática. O aluno diplomado podia prosseguir com sua tese de doutorado naquela instituição ou qualquer outra capaz de certificar esta formação. Foi substituído pelo *master*, correspondente ao nosso mestrado.

*em sociologia médica?*

MJ: Em continuidade a este primeiro trabalho sociológico, fiz meu DEA e em seguida minha tese sob orientação de Pierre Bourdieu (Luc Boltanski havia então dele se afastado, por razões que em alguma medida pareciam pertinentes, mas que finalmente desaguaram em um programa sociológico discutível, aqui penso em seu an-historicismo).<sup>2</sup>

O trabalho efetuado neste horizonte centrou-se sobre as modalidades das práticas médicas na França no século XX. Eu as conduzi na perspectiva de uma sociologia geral, característica da sociologia francesa desde Durkheim e da qual Bourdieu era herdeiro.

Devido a repetidas estadas nos anos 1980 em Nova Iorque, onde tinha acesso à biblioteca da Universidade de Colúmbia, me formei pela leitura de obras norte-americanas sobre a medicina e as profissões. Encontrei lá um *corpus* importante composto de séries de pesquisas levadas ao cabo essencialmente no seio do mundo médico norte-americano. Tal material empírico era quase inexistente na França na mesma época e ainda hoje o acesso ao campo médico permanece aqui muito mais difícil que nos EUA. Ocorre, graças ao diálogo que tenho a honra de manter desde há muitos anos com Aaron Cicourel, que tenho a possibilidade de comparar freqüentemente as possibilidades abertas aos sociólogos que tratam do mundo

<sup>2</sup> Sobre este período sob orientação de Pierre Bourdieu, ver Marie Jaisson e Éric Brian. "A Educação estrutural". In: Rose-Marie Lagrave e Pierre Encrevé (orgs.). *Trabalhar com Bourdieu*, Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2005, p. 121-130.

médico e dos fatos biológicos na França e nos Estados Unidos. É forçoso constatar, apesar dos trabalhos franceses existentes, a imaturidade das relações mútuas destas disciplinas na França.

Ao contrário, a dificuldade que estas leituras americanas ofereciam para uma jovem socióloga formada na França residia no enclausuramento subdisciplinar, *medical sociology*, *sociology of professions*, *sociology of occupations*, fechamento cuja conseqüência era a ausência de perspectiva teórica de sociologia geral. É óbvio que esta constatação não vale para alguns raros autores como Erving Goffman ou Aaron Cicourel. A isto se alia o fato que nesta literatura americana a categoria normativa de profissão é objeto de um espécie de fetichismo. De minha parte, trata-se de trabalhar sobre as relações entre, de um lado, a “morfologia social” (compreendida aqui como a parte da sociologia fundamentada na hipótese de que os métodos quantitativos circunscrevem os objetos empíricos) e, d’outro lado, a coerência dos dispositivos teóricos, isto é, o trabalho conceitual.

Esta pesquisa, iniciada durante minha tese e que se desdobrou ulteriormente, consistia em analisar as modalidades efetivas segundo as quais são exercidas as atividades médicas, a partir de uma hipótese estrutural – tanto à escala local como no conjunto da profissão – hipótese com a qual procuramos explorar sistematicamente as diferenciações morfológicas das “especialidades” da prática médica. Uma hipótese tal que examina a permanência e a transformação das variações pertinentes e qualificadas é utilizada como moeda corrente em sociologia

geral. Não obstante, ela nunca é sustentada para o estudo da medicina.

De fato, geralmente a maioria das grandes questões tratadas pela sociologia médica perpassa pontos que, em uma análise durkheimiana, se sobressaem da auto-regulação de uma prática extremamente especializada. É uma sociologia que se desenvolveu sem reencontrar a questão do espaço social e de sua estrutura, no entanto identificada e tematizada desde Maurice Halbwachs em outros registros. Ora, o exercício da medicina repousa sobre disciplinas constituídas, as “especialidades”. Cada uma dentre elas é caracterizada por uma combinação de critérios técnicos, acadêmicos ou econômicos. A estrutura analisada encontra-se assim dentro de uma sociedade altamente organizada, aquela do trabalho do acompanhamento em torno da morte, em suma, a construção social e a gestão social de uma necessidade.

MM: *Sobre o ensino, quando a senhora entrou na universidade?*

MJ: Após a obtenção de meu doutorado em 1995, postulei o posto de mestre de conferência em sociologia. Em, 1996, obtive um posto temporário de ensino e pesquisa em sociologia, inicialmente adstrito à Faculdade de Medicina de Tours. No entanto, esta faculdade preferiu renunciar a este cargo preferindo encarregar um professor diplomado em medicina para ministrar os cursos obrigatórios de ciências sociais do primeiro ano do curso de medicina (alguns anos mais tarde, uma colega médica e antropóloga foi recrutada para este posto). Assim, fui transferida ao departamento de

sociologia no qual fui eleita, no ano seguinte, mestre de conferências.

*MM: Como a senhora descreveria a sua experiência com as relações entre ciências sociais, em especial a sociologia, e biologia?*

Recentemente, no outono de 2009, defendi uma Habilitação para Orientar Pesquisas (HDR)<sup>3</sup>, intitulada “Sociologia e fatos biológicos”. Argumentei, a partir do conjunto de meus trabalhos, que para compreender a junção entre o social e o biológico em uma sociedade como a nossa, é preciso empreender um esforço de desconstruir não somente as formas da divisão social do trabalho médico, mas ainda o caráter abstrato do discurso médico, suas sedimentações no discurso profano e as tensões entre estes diferentes estratos, antes de reconstruir uma análise abstrata, sociológica, que se libertaria de maneira construtiva dos efeitos das pré-noções das concepções médicas reapropriadas pelos leigos. O essencial nesta exploração é se desfazer tanto das normas induzidas pela própria medicina como da ilusão representada pelas alternativas à medicina (ilusão que registra em baixo relevo os efeitos da competência médica estabelecida). O inquérito sociológico deve então realizar uma recuperação das modalidades de ação dos fenômenos de representação sobre os corpos; ações e representações ambas condicionadas ou controladas pelos exercícios atuais ou

---

<sup>3</sup> HDR é o mais alto diploma nacional na França, posterior ao doutorado (correspondente ao nosso pós-doutorado, em geral realizado no exterior). Ele permite acesso ao cargo de professor universitário e orientar teses.

antigos das competências médicas.

Parece que atualmente a sociologia se encontra sob a ameaça da dominação intelectual pelo *élan* de certos ramos da biologia calcado tanto na explosão de seu material empírico como dos seus modelos puramente formais; esta ameaça já efetiva nos países de língua inglesa e alemã (fato que pude constatar durante meu estágio em Berlim entre 2002 e 2004) começa a chegar à França. É claro que isto pode levar a renovações úteis. Não obstante, há um perigo neo-positivista e neo-naturalista face ao qual a sociologia – e as ciências sociais, estão completamente expostas. Assim, para respondermos a esta situação real, parece primordial nos armarmos da experiência dos debates anteriores entre biologia e ciências sociais, debates muito vivos durante a primeira metade do século XX e sobre os quais a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria colocaram tapumes opacos.

Ora, se a sociologia se afirmou e se conformou como ciência desde mais de um século, nos dias de hoje ela tem dificuldades para constituir uma memória coletiva suficientemente densa do período que separa da fundação durkheimiana até os anos 1970. Não se aplicar muito seriamente a esta tarefa significa correr o risco de uma perda de autonomia da disciplina acompanhada de uma dissolução de seus conhecimentos. O melhor índice de tal perda de memória coletiva é a curta distância temporal média entre a escrita e as referências discutidas.

Nesse sentido, as hiper-especializações sociológicas no curso dos anos 1980-2000, o sucesso da ilusão pseudo-profissional de que

é preciso se situar no ritmo mais recente das publicações, estes signos de desorientações coletivas e as aparências mantidas a custo, parecem-me como constatações de dificuldades. Indiscutivelmente, a disciplina não mantém mais sua memória coletiva de maneira produtiva. Eu não entendo por isso que ela ignora seus clássicos – ela os honra, nem que ela desdenha sua história – muitas revistas ou associações se preocupam com isso. Quero somente sublinhar que ela negligencia as capacidades cientificamente produtivas de sua memória coletiva. Por esta razão, meu trabalho consiste em articular um programa de pesquisa com uma releitura de textos antigos, mas sempre vivos. Concretamente, trata-se de conduzir ao mesmo tempo, de um lado um canteiro de reedições críticas e, de outro, um estudo de objetos explorados pela sociologia e pela biologia hoje em dia (é a linha seguida pela reedição da *Topographie légendaire* de Maurice Halbwachs publicada em 2008)<sup>4</sup>.

De fato, ao contrário da ilusão largamente difundida, o critério da ciência social não é somente a atualidade imediata. A cientificidade da sociologia não é o caso do momento, nem aquela de uma coleção de momentos, mas uma questão de duração. A este propósito, as ciências sociais não são diferentes de outras ciências: se a sua expressão é contingente, os fenômenos que elas estudam são duráveis e suas experiências científicas antigas. Nesse sentido, a sociologia é histórica, desde 1901 Mauss exprimiu esta idéia.

---

<sup>4</sup> (Org.) Maurice Halbwachs, *La Topographie légendaire des évangiles en terre sainte. Etude de mémoire collective*, Paris, PUF, (première édition 1941), 2008, 206\*-166 p.

Comparar, no plano de dois séculos, as tensões entre os programas empíricos e as teorias do conhecimento que caracterizam seus exercícios, como foi feito na ocasião do livro *Sexisme de la première heure et The Descent of Human Sex-Ratio at Birth* (2007)<sup>5</sup>, significa compreender estas ciências no que elas têm de vivo e isto sem pressupor a confusão de seus diferentes estados.

Minha experiência em trabalho de pesquisa, aquela de formação neste ofício e aquela da leitura de estudos sociológicos publicados desde uma dupla década, me convenceu que a inovação em sociologia pode passar por uma reavaliação do lugar que nela ocupam os estudos empíricos, por uma colocação à prova quase experimental as construções teóricas e por uma reflexão sobre as formas que pode tomar e que pôde tomar, a tensão entre esta duas exigências. Dentro de uma perspectiva puramente durkheimiana, após os sucessores imediatos do fundador francês (Mauss, Halbwachs, Simiand – cada um representando uma configuração diferente desta sintaxe), tal convicção não é nova. Ela me parece ameaçada pela dispersão, pelos sociólogos, dos recursos materiais indispensáveis às enquêtes empíricas desde meados dos anos 1970, pelas urgências das respostas necessárias ao crescimento da demanda de formação de graduação universitária, pela distância importante, na França, entre a produção dos grandes inquéritos (INSEE, INED) e a universidade, 5 Marie Jaisson e Éric Brian. *Le Sexisme de la première heure. Hasard et sociologie*, Paris, Raisons d’agir, 2007, 379 p. (coll. « Cours et travaux »). Marie Jaisson Avec Éric Brian, *The Descent of Human Sex Ratio at Birth. A Dialogue between Mathematics, Biology and Sociology*, Dordrecht, Springer Verlag, 2007, xix-255 p. (série « Methodos »).

enfim pelo conforto que existe em manter um corpo de teorias sociais ao abrigo da prova empírica.

Assim, ao longo destes anos eu não parei de interrogar, sob diferentes ângulos, as relações entre os fenômenos sociais e os fatos biológicos. Meu percurso anterior à sociologia havia me familiarizado com a biologia e o mundo médico, assim eu não experimentava, ou somente de modo atenuado, aquilo que Elias chama de “atitude defensiva vis-à-vis à biologia”, atitude oriunda comumente de uma representação falsa de um saber julgado mais “legítimo” que o seu próprio.

MM: *Quais são seus trabalhos e investimentos teóricos atuais?*

Em seguida ao HDR, eu me candidatei, na primavera de 2010, nas duas universidades parisienses caracterizadas pela combinação de medicina e ciências sociais, Paris 5 e Paris 13, e na segunda fui eleita como professora universitária de sociologia.

O contexto geográfico e organizacional da Universidade Paris 13 parece favorável à instauração deste diálogo (ao qual me dedicarei nos anos vindouros): de fato o *campus* “Saúde, medicina e biologia humana”, no qual existe meu posto, se caracteriza por uma grande proximidade entre sociólogos e médicos.

No momento, eu ensejo, na seqüência de trabalhos anteriores sobre as respostas sociais aos fenômenos incertos, estudar a precarização, a saúde no trabalho, ou ainda situações de mudanças rápidas ou

de imprevistos (aposentadoria, acidentes, doenças, variações brutais de esperança de vida, crise de saúde mental). Na verdade, o estudo realizado com Éric Brian sobre o *sex ratio* no nascimento oferece um quadro teórico para a análise sociológica das respostas institucionais, profissionais ou pessoais às diversas formas de incerteza às quais os agentes sociais são confrontados. Aqui falo de incerteza, porque ela não é necessariamente mensurável ou previsível – o risco não sendo mais que um dos aspectos da questão, aquele de uma incerteza supostamente medida e suficientemente controlada.

Se tomarmos como exemplo este livro, ele responde à questão de como podemos passar de um estado do mundo no qual o sexo de uma criança a nascer não é conhecido (senão por conjecturas) a outro estado do mundo no qual ele é supostamente conhecido e reconhecido. A conclusão aponta que o sistema de representação dos sexos (o “gênero”) significa uma resposta coletiva face à incerteza fundamental na qual se joga a sorte, em cada caso individual, a cada nascimento (na escala *micro*), a reprodução de toda a sociedade (na escala *macro*).

Nesse caso, a característica das distinções de “gênero” é de assegurar a continuidade entre um “antes” incerto e um “depois” constatado. Os efeitos bem conhecidos de “violência simbólica”, de imposição de sentido, são assim compreendidos como reações coletivas em face da incerteza. Esta é a razão de sua lógica de duplicação, de reconhecimento, de reforço do sentido atribuído a tal ou qual

traço distintivo.

No caso de irrupção de um imprevisto ou de um impensado – um acidente que acontece, uma doença que é constatada – são seguramente mecanismos sociais análogos que operam. Eles têm, assim, por característica assegurar a continuidade da vida social, malgrado seus imprevistos. Nas fronteiras entre fatos sociais e biológicos, eu busco analisar notadamente a continuidade induzida, em caso análogo, pelos sistemas de representações.

Em resumo, eu projeto estudar as questões de reconhecimento das doenças de trabalho ou ainda das responsabilidades em caso de acidente de acordo com a problemática da memória coletiva. O trabalho de reconhecimento exala assim do que Maurice Halbwachs, autor sobre quem publiquei diversas obras, chamava de “rearranjos da memória coletiva”. Meu interesse por estas questões é antigo, ele remonta, como já disse, ao meu Diploma, quando estudei o procedimento de reconhecimento de uma doença do trabalho que se desenvolvia em uma cidade provinciana. Eu analisava, em particular, da assimetria das relações de força entre as diferentes protagonistas – médicos, administradores, juristas e vítima – no bojo das comissões engajadas no procedimento. Foi por esta via que me debrucei, na tese, em direção à análise das modalidades concretas das atividades médicas em uma cidade de província. Isto me conduziu aos trabalhos de sociologia geral sobre as estruturas sociais do tempo e do espaço. Foi o trabalho com Pierre Bourdieu. Continua como pesquisa sobre a gênese da noção de espaço social,

com o estudo da obra de Maurice Halbwachs. E por este viés cheguei à questão capital da coerência dos sistemas de representação que respondem à incerteza dos fatos sociais e biológicos.

MM: *Pierre Bourdieu declarou que foi convidado muitas vezes a vir ao Brasil. Infelizmente, jamais conseguiu. Do mesmo modo, eu lhe pergunto, quando a senhora aceitará nosso convite?*

MJ: Mesmo que Bourdieu não tenha se rendido ao Brasil, alguns de seus próximos ou que o foram em algum momento, o fizeram, como Monique de Saint Martin, e outros. A sua questão me permite explicar a um público não parisiense uma das grandes diferenças entre ter um cargo à Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), como foi o caso de Bourdieu (e Monique de Saint Martin) e um cargo na universidade. No primeiro caso, as tarefas do ensino são muito menos pesadas (as formações se limitam aos mestrados e doutorados), e a organização do trabalho permite a ausência da França por muitas semanas. Na universidade em geral, a organização depende diretamente do ensino cujo peso é muito grande: a formação começa na graduação. Como consequência, é muito difícil se ausentar. É um problema para os professores de universidade. Existem algumas saídas, como conseguir um afastamento para pesquisa (teoricamente podemos pedi-lo a cada seis anos mediante justificativa baseada nos próprios trabalhos, mas na prática ele só é autorizado uma ou duas vezes durante toda a carreira). No meu caso, eu gostaria muito feliz em conhecer o Brasil e espero concretizar esta estadia antes de encerrar minha carreira.

MM: Nós lhe agradecemos a entrevista, e até logo.

### Obras

- (Dir.) Maurice Halbwachs, La Topographie légendaire des évangiles en terre sainte. Etude de mémoire collective, Paris, PUF, (première édition 1941), 2008, 206\*-166 p.

- (Dir. avec Christian Baudelot) Maurice Halbwachs, sociologue retrouvé, Paris, Éditions rue d'Ulm, 2007, 167 p. (coll. « Figures normaliennes »).

- Avec Éric Brian, The Descent of Human Sex Ratio at Birth. A Dialogue between Mathematics, Biology and Sociology, Dordrecht, Springer Verlag, 2007, xix-255 p. (série « Methodos »).

- Avec Éric Brian, Le Sexisme de la première heure. Hasard et sociologie, Paris, Raisons d'agir, 2007, 379 p. (coll. « Cours et travaux »).

- (Dir. avec Éric Brian) Maurice Halbwachs et Alfred Sauvy avec la collaboration de Henri Ulmer et Georges Bournier. Le Point de vue du nombre 1936, Précédé de l'avant-propos au Tome VII de l'Encyclopédie française par Lucien Febvre et suivi de trois articles de Maurice Halbwachs, Paris, INED, 2005, vi-469 p., (coll. « Classiques de l'Économie et de la population »).

- Fondations, Prix et Subventions de l'Académie des sciences (1916-1996), Turnhout (Belgique), Éditions Brépols, 2003, 2 t., 1364 p., (coll. « De Divertis Artibus.

Travaux de l'Académie internationale d'histoire des sciences », n. 66-1 et n. 66-2).

- (Dir.) Actes de la recherche en sciences sociales, numéro Médecines, patients et politiques de santé, juin 2002, n°143, 108 p.

- (Dir. Gérard Namer, en collab.) Maurice Halbwachs, La Mémoire Collective, Paris, Albin Michel, 1997, 303 p., (coll. « Bibliothèque de l'Évolution de l'humanité »).

### Artigos

- « Statistiques et sciences sociales », dans Alain Bernard, Gregory Chambon et Caroline Ehrhardt (dir.), Le sens de nombres. Mesures, valeurs chiffrées, représentations de grandeurs réelles: une approche historique, Paris, Vuibert, 2010, p.130-137.

- « La topografía legendaria y la investigación sobre la memoria colectiva en Maurice Halbwachs », Revista Anthropos, Barcelone, n°218, 2008, p. 96-109.

- “Der Feind ist die Vereinfachung”. Demographie, wissenschaftliche Fortschritte und ideologische Kämpfe um die Encyclopédie française (1936) », dans Bevölkerungsfragen. Prozesse des Wissenstransfers in Deutschland und Frankreich (1870-1939), Cologne, Böhlau Verlag, 2007, p. 183-203, sous la direction de Patrick Krassnitzer et Petra Overath (avec Éric Brian).

- « Mémoire collective et mémoire des musiciens chez Maurice Halbwachs », Dimensioni e problemi della ricerca storica, Rome, n°2, 2007, p. 65-72.

- « Une enquête sociologique de

Maurice Halbwachs », dans *Le pain, la paix, la liberté. Expériences et territoires du Front populaire*, Paris, La Dispute - Éditions sociales, 2006, p. 165-172, (coll. « Histoire », sous la direction de Xavier Vigna, Jean Vigreux, Serge Wolikow et al).

- « Probability, biology and sociology in human sex-ratio at birth. A note on the trace of the First World War », *Journal électronique d'histoire des probabilités et de la statistique*, vol. 1, n°1, mars 2005, 10 p. (avec Éric Brian).

- « El sexismo de la primera hora. Sobre una investigación de Maurice Halbwachs », *Empiria. Revista de Metodología de Ciencias Sociales*, Madrid, n°9, janvier-juin 2005, p. 11-38 (avec Éric Brian).

- « Nombre et mémoire. Halbwachs sociologue probabiliste », dans *Erinnerung und Gesellschaft. Mémoire et Société. Jahrbuch für Soziologiegeschichte*, Wiesbaden, Verlag für Sozialwissenschaften, 2005, p. 127-151, sous la direction de Hermann Krapoth et Denis Laborde (avec Éric Brian).

- « Bourdieu: un retrato de cerca », *Punto de vista. Revista de cultura*, Buenos Aires, Año XXVI, n°76, Agosto de 2003, p. 38-44 (entretien avec Beatriz Sarlo et Éric Brian).

- « L'Éducation structurale », dans *Travailler avec Bourdieu*, Paris, Flammarion, 2003, p. 119-128, sous la direction de Rose-Marie Lagrave et Pierre Encrevé (avec Éric Brian)

- [2<sup>de</sup> éd. « Champs Flammarion », 2004, p. 119-128; en portugais: « A Educação estrutural », dans *Trabalhar com Bourdieu*,

Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 2005, p. 121-130 ; en espagnol : « La Educación estructural », dans *Trabajar con Bourdieu*, Columbia, Ed. de la Universidad Externado de Columbia, 2005, p.131-139].

- « L'honneur perdu du généraliste », *Actes de la recherche en sciences sociales*, numéro Médecines, patients et politiques de santé, juin 2002, n°143, p. 31-35.

- « La mort aurait-elle mauvais genre ? La structure des spécialités médicales à l'épreuve de la morphologie sociale », *Actes de la recherche en sciences sociales*, numéro Médecines, patients et politiques de santé, juin 2002, n°143, p. 44-52.

- « Les prix et subventions de l'Académie des sciences au XX<sup>e</sup> siècle », dans *Règlement, usages et science dans la France de l'absolutisme*, Paris, Editions Lavoisier, 2002, p. 401-412 (sous la direction de Christiane Demeulenaere-Douyère et Éric Brian).

- « El aprendizaje social de la condición médica. Una morfología de la estructura de las especialidades medicas en Francia durante los años noventa », *Empiria. Revista de Metodología de Ciencias Sociales*, Madrid, n°4, 2001, p. 11-41.

- « Temps et espace chez Maurice Halbwachs (1925-1945) », *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, n°1, octobre 1999, p. 163-178.

- « Unités et identités. Notes sur l'accumulation scientifique », *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 74, septembre 1988, p. 66-75 (avec Éric Brian).